

FRACASSO ESCOLAR: DE QUEM É A CULPA?

SCHOOL FAILURE: WHOSE FAULT IS IT?

Rúbia Mara Moreira Andrade Uliana ¹
Raquel Aparecida Batista ²

RESUMO: O fracasso escolar apesar de ter raízes antigas ainda se encontra presente no contexto educacional brasileiro, sobretudo nas escolas de periferia e nas classes sociais menos favorecidas. Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa feita com o uso de questionários como instrumento metodológico, pesquisa estatística e fundamentação teórica com base em autores como Bernard Charlot (2000 e 2008) sobre o fracasso escolar. Tem como objetivo fazer as pesquisas pertinentes e analisar as diferentes opiniões sobre o fracasso escolar. O fracasso escolar é um tema debatido e requer atenção dos pesquisadores. Ele tem sido assunto de discussões por estar relacionado a questões como: reprovação, evasão, indisciplina, erro, fracasso e insucesso escolar. Podemos entender o fracasso escolar como uma síntese de múltiplas determinações: sociais, educacionais, políticas, econômicas, históricas, que necessita de uma reflexão crítica e uma práxis transformadora, compreendendo a totalidade dos processos envolvidos. Os resultados da pesquisa apontam que o fracasso escolar não tem um culpado.

Palavras-chave: Fracasso escolar. Escola. Evasão.

ABSTRACT: School failure, despite having ancient roots, is still present in the Brazilian educational context, especially in peripheral schools and less favored social classes. This article presents the results of a survey conducted as a result of a Postgraduate survey, statistical research and theoretical foundation based on authors such as Bernard Charlot (2000, 2008). School failure is a debated topic and requires the attention of researchers. It has been the subject of discussions because it is related to issues such as: failure, dropout, indiscipline, error, failure and school failure. We can understand school failure as a synthesis of multiple determinations: social, educational, political, economic, historical, which needs a critical reflection and a transformative praxis, comprising the totality of the processes involved. The purpose of this article is to do the relevant research and analyze the different opinions about school failure. The results of the research show that school failure does not have a culprit.

Keywords: School failure. School. Evasion.

INTRODUÇÃO

Esse artigo trata sobre a temática do fracasso escolar mediante uma pesquisa que foi desenvolvida no âmbito do curso de especialização *Lato Sensu* “Escola Pública e Relações com o Saber” tendo como sujeitos da pesquisa, pais, alunos, ex-alunos, professores, diretores, coordenadores, educadores de uma escola da rede pública de ensino do município de Hortolândia do Estado de São Paulo a partir da seguinte pergunta: “O fracasso escolar do aluno é também o fracasso do professor e de toda a sociedade?”

Durante a leitura do livro “Da Relação como Saber” de Bernard Charlot (2000) surgiu o

¹ Rúbia Mara Moreira Andrade Uliana, Professora da rede municipal de Hortolândia, rubiauliana@gmail.com.

² Raquel Aparecida Batista, Coordenadora Pedagógica da rede municipal de Hortolândia, quel_baptista@hotmail.com.

interesse pelas informações sobre o “fracasso escolar”.

O fracasso escolar é um tema importante, mas polêmico por ter opiniões diversas e conflitantes e requer atenção. Ele tem sido assunto de discussões por estar relacionado a questões como: reprovação, evasão, indisciplina, erro, fracasso e insucesso escolar Segundo Charlot (2000, p.16) “o ‘fracasso escolar’ não existe; o que existe são alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal”.

A partir de escrita narrativa sobre formação notamos muitas situações na vida escolar que poderiam levar ao fracasso, mas escolhemos por não fazer parte das estatísticas e preferimos nos esforçar e não desistir por conta das dificuldades que enfrentamos.

A pesquisa que realizamos no âmbito do curso de especialização foi motivada por uma pergunta: O que te move a pensar que o fracasso do aluno é resultado do fracasso do professor e de toda uma sociedade? Para responder à questão que permeou o estudo utilizamos como instrumento metodológico o questionário elaborado por meio do *Google Forms*, disponibilizados em redes sociais como *Facebook* e *WhatsApp*. Os dados foram discutidos e analisados a partir dos autores Charlot (2000 e 2008) sobre as discussões, polêmicas e controvérsias do fracasso escolar.

Neste artigo nos propomos a apresentar a (auto) narrativa de vida e formação da primeira autora com o objetivo de podermos analisar uma trajetória escolar à luz das teorias da relação com o saber. Ao estabelecer este diálogo entre história de vida e educação, falamos também de formação, nas palavras de Dominicé referenciado por Nóvoa (1995, p. 24) a vida é o lugar da formação. Já, Delory-Momberger (2008) conceitua este movimento como uma ação permanente da figura de si, que atualiza na ação do sujeito que ao narrar sua história anuncia seus saberes, experiências, valores e enuncia -se como autor da sua própria história, o processo de biografização.

O texto apresenta a seguinte estrutura: No primeiro tópico apresentamos uma breve apresentação sobre biografização proposto por Delory-Momberger (2008) e a narrativa da história de vida e trajetória escolar da primeira autora. Seguimos apresentando uma discussão sobre o fracasso escolar e seus desdobramentos. No terceiro tópico discorreremos sobre o percurso metodológico, seguidos da discussão e análise dos dados produzidos, por fim, algumas considerações finais buscando contribuir com o debate sobre o aprender e sobre os saberes que as narrativas (auto) biográficas nos proporcionam.

NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA E O PROCESSO DE BIOGRAFIZAÇÃO

Neste primeiro tópico, apresentamos a narrativa da primeira autora, que ao narrar buscou apresentar sua trajetória escolar e como estabeleceu ao longo do seu processo formativo a relação que estabeleceu com o saber e o fracasso escolar, à luz das teorias da relação com o saber e biografização.

Para Delory-Momberger (2008) que este processo de biografização (escrita de si e formação) que o sujeito vai se constituindo a partir das relações que estabelece consigo, com o outro e com a cultura. Sobre esta relação, Charlot (2000) define como relação com o saber, uma vez que “a relação com o saber é a relação com o mundo, com o outro e com ele mesmo, de um sujeito confrontado com a necessidade de aprender” (CHARLOT, 2000, p.80). Nesta relação subjetiva e social (sujeito e mundo) em determinado contexto histórico e cultural implica na constituição da identidade do professor e conseqüentemente nos modos como articula os saberes a sua prática docente.

NARRATIVA (AUTO) BIOGRÁFICA – RÚBIA MARA MOREIRA ANDRADE ULIANA

Depois de muitos sacrifícios a minha mãe conseguiu uma vaga, não era exatamente onde ela desejava pois ficava um pouco longe da minha casa e seria ainda no período noturno, mas fui pra lá mesmo assim, não tinha escolha. Estudei lá até o primeiro semestre do segundo ano e depois fui para uma escola mais próxima de casa, para a tranquilidade da minha mãe e foi lá onde finalmente terminei o ensino médio. Mesmo com todas essas mudanças, indo cansada direto do trabalho para a escola, não perdi nenhum ano.

Todas as mudanças que ocorreram durante minha vida escolar poderiam ter acarretado em consequências graves no meu aprendizado, no meu comportamento, mas como sempre gostei muito de estudar e tive o apoio da minha família, principalmente da minha mãe, acompanhei todos os esforços dela para que não perdesse nenhum ano e não parasse de estudar, sempre acompanhando de perto os resultados, meu desempenho, olhando o caderno, não faltando às reuniões, tudo isso me mostrava o quanto estudar era importante. Acredito sim que a família faz toda a diferença no desempenho dos alunos, mesmo que os pais não tenham os mesmos níveis de estudo, o importante é mostrar a importância dos estudos. No meu caso, somos em cinco irmãos em casa, minha mãe estudou somente até a antiga 4ª série, mas foi ela quem nos mostrou e que nos incentivou nos estudos. Quantas vezes que ela fez os deveres comigo, as divisões de matemática que eu tinha tanta dificuldade, o que ela não sabia me levava para bibliotecas ou pegava livros emprestados para eu pesquisar o que não sabia.

Cursei faculdade após anos de ter concluído o Ensino Médio, não tinha condições de pagar porque tinha que trabalhar para ajudar em casa. Comecei a faculdade depois de casada, com dois filhos e me formei aos trinta e oito anos com muita alegria porque sempre foi um sonho me formar, também para o orgulho da minha mãe por ser a única filha formada, e, como exemplo para os meus filhos que nunca é tarde para os estudos e formação, mesmo com muitos sacrifícios não podemos desistir dos nossos sonhos. Sempre tive vontade de fazer psicologia quando mais jovem, mas quando comecei trabalhar na área escolar me interessei em ser professora para talvez fazer a diferença por onde passasse vendo a realidade dos alunos.

Entre primeiro em uma escola estadual como agente de organização escolar e depois passei no concurso do município e atuo hoje como educadora infantil no Município de Hortolândia.

Quando trabalho com crianças e adolescentes lembro de tudo o que vivi pelas escolas onde passei e de todos os obstáculos que enfrentei sem desistir dos meus objetivos. Tento então entender cada situação que chega a mim com carinho para tentar resolver da melhor forma. Penso que fracassos existem ou não dependendo de pontos de vista de cada um, com base na minha experiência procuro sempre o olhar de que tudo tem uma solução e um lado bom. Gosto da ideia da leitura positiva, a partir do que cada um sabe e viveu e trabalhar a partir daí para visar bons resultados. O fracasso do aluno é resultado do fracasso do professor e de toda uma sociedade, então tenhamos uma leitura otimista para enfrentar as dificuldades e desafios do ensino.

Minha vida escolar tem vários acontecimentos que poderiam interferir para que eu me tornasse uma boa ou má aluna. Sempre fui uma aluna dedicada aos estudos e era muito participativa. Todas as mudanças que ocorreram durante minha vida escolar poderiam ter acarretado em consequências graves no meu aprendizado, no meu comportamento, mas como sempre gostei muito de estudar e tive o apoio da minha família, principalmente da minha mãe, acompanhei todos os esforços dela para que eu não perdesse nenhum ano e não parasse de estudar, sempre acompanhando de perto os resultados, meu desempenho, olhando o caderno, não faltando às reuniões, tudo isso me mostrava o quanto estudar era importante. Acredito sim que a família

faz toda a diferença no desempenho dos alunos, mesmo que os pais não tenham os mesmos níveis de estudo, o importante é mostrar a importância dos estudos.

Na minha formação como profissional com relação a gestão das escolas pela qual passei nesse tempo de Prefeitura de Hortolândia tem um papel importante, posso dentro do meu discernimento escolher o que aceito como produtivo e válido e o que não faria se estivesse em tal posição. Até o momento tenho tido experiências muito mais positivas que negativas em relação a gestão das escolas que atuei, com um trabalho voltado para o ensino e relações humanas, dando importância aos melhores resultados, mesmo errando as vezes, mas sempre com a intenção do melhor trabalho e a participação de todos os envolvidos visando o mesmo objetivo, o aluno e o melhor aproveitamento dele enquanto estiver sob nossos cuidados e responsabilidades.

O FRACASSO ESCOLAR E SEUS DESDOBRAMENTOS

Neste tópico traremos discussões e diálogos de Charlot (2000) sobre o “fracasso escolar” e o papel da escola, da família, da comunidade e do aluno para evitarmos as situações de fracasso. Para uma educação de qualidade que apresente resultados satisfatórios, acreditamos que a responsabilidade é de todos os envolvidos: família, comunidade escolar e alunos.

A história da educação brasileira é marcada por essas questões e uma série de outros fatores negativos que são geralmente chamados de fracasso escolar. Apesar de ter raízes antigas, ainda se encontra presente no contexto educacional brasileiro, sobretudo nas escolas de periferia e nas classes sociais menos favorecidas.

Podemos entender o fracasso escolar como uma síntese de múltiplas determinações: sociais, educacionais, políticas, econômicas, históricas, que necessitam de uma reflexão crítica e uma práxis transformadora, compreendendo a totalidade dos processos envolvidos.

De acordo com os dados apresentados no site do INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais) sobre o Censo de 2017 a taxa de reprovação do 3º ano do Ensino Fundamental é de 11% no Brasil. O índice se repete no 9º ano, quando o aluno deveria encarar sua próxima fase. Para o Ministério da Educação, esse é um indicativo da dificuldade dos alunos se manterem estimulados no processo de aprendizagem e de prosseguirem na escola – que pode ter pesado na queda de 1,8 milhão de matrículas no Fundamental nos últimos quatro anos.

Durante a apresentação dos dados da Edição 2017 do Censo Escolar ficou evidente que os fracassos diários na alfabetização têm impacto direto no desempenho dos alunos nos anos seguintes. Como o 3º Ano corresponde atualmente ao fim do ciclo de alfabetização, a falta de base para as disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática impactam na aprendizagem de outros conteúdos ao longo da Educação Básica.

Os dados do Censo de 2017 revela que temos que dar prioridade aos anos iniciais e para a especialização dos professores, para que essa base escolar não leve prejuízo aos anos que virão pela frente. Um aluno que tem prejuízos nos anos iniciais tem maiores chances de desistir de seguir em frente.

De acordo com o Censo Escolar de 2018, existe atualmente, um grande número de crianças frequentando a escola, visto que foram efetuadas 27,2 milhões de matrículas no ensino fundamental, porém Facci, Leonardo e Ribeiro (2014, p. 3). afirmam que:

O fato de que quase todas as crianças de 6 a 14 anos estarem nas escolas, não garante a aprendizagem e o desenvolvimento, nem se traduz em oportunidade igual de escolarização para todos, afirmam,

É preciso considerar outros fatores para além da escola que contribuiu para que os alunos fracassem na sua trajetória escolar, como aponta Charlot (2000), existem situações

que ocorrem na vida escolar como um todo, são situações de fracasso.

Para o autor falar em fracasso escolar, hoje em dia, é tratá-lo como se existisse um monstro escondido no fundo da sala de aula, pronto para pular sobre as crianças das famílias populares. Nas palavras do autor, o que existe são alunos que apresentam dificuldades para aprender, são situações de dificuldade.

Acreditamos que com ações conjuntas e olhar para o contexto social e econômico na qual o aluno está inserido, investir em políticas públicas. Educacionais podem contribuir. As políticas públicas precisam valorizar mais a educação, reconhecer o valor dos educadores oferecendo melhores condições de trabalho, melhores remunerações, especializações adequadas, materiais e redes de apoio, suporte em todos os sentidos.

O valor da remuneração revela o nível de reconhecimento do serviço prestado, mas, “quando se fala em valorização salarial, contudo, há que se ter claro, de que a medida não é, necessariamente, um valor muito acima, mas, simples e tão somente, o que já é pago por outras profissões” (PINTO, 2009, p.60). Nesse sentido, afirma-se que a profissão docente sofre certo desprestígio, em relação às demais profissões. É necessário, portanto, investigar como a questão da remuneração, em decorrência da valorização salarial, é tratada enquanto política pública, já que a melhoria das condições de trabalho docente perpassa por essas medidas. As condições de trabalho são de extrema relevância para o desenvolvimento do trabalho docente e para a garantia da valorização profissional.

Essa valorização poderá levar profissionais mais motivados a buscar formas de trazer alunos e família para a importância do esforço por aprender, mostrando que só assim teremos bons resultados.

A gestão participativa democrática reúne técnica, política, criatividade e iniciativa para alcançar a agilização da burocracia, que não deve ser eliminada, mas modernizada, tornando-a flexível o suficiente para planejar democraticamente, atuando de modo descentralizado e de estímulo à cooperação. Compreende-se, assim, que desburocratizar não significa eliminar a burocracia e muito menos introduzir procedimentos competitivos, gerenciais, tecnológicos e empreendedores para agilizar os órgãos prestadores de serviços públicos, mas construir uma burocracia arejada, crítica, aberta a mudanças, a serviço da pessoa.

Na gestão participativa democrática, o planejamento é dinâmico, baseado em planos que são apostas, explicitação de objetivos e ações elaboradas coletivamente. Os planos podem ser entendidos como parâmetros e sinalizações que dão pistas aos agentes públicos de como agir e proceder no cotidiano de suas relações sociais. Essa viabilização de planos é que constitui o planejamento democrático.

Como comunidade escolar temos que fazer a nossa parte, fazendo diferença na vida dos alunos, incentivando, mostrando entusiasmo e tornar tudo mais interessante, não esquecendo de inserir a família neste contexto. Ao governo resta nos dar melhores condições de trabalho.

Segundo Charlot (2000) esses alunos, essas situações, essas histórias é que devem ser analisadas, e não algum objeto misterioso, ou algum vírus resistente, chamado “fracasso escolar”. Precisamos acreditar que com a união de todos esses núcleos (família, escola, sociedade) conseguiremos mudar a realidade e transformar fracassos em sucessos.

O fracasso do aluno é fracasso de um sistema, fracasso familiar, fracasso do professor e do aluno também.

Para Charlot (2000) precisamos ter a leitura positiva ou leitura otimista da realidade. Prestar atenção também ao que as pessoas fazem, conseguem, têm e são, e não somente àquilo em que falham e às suas carências. É, por exemplo, perguntar-se o que sabem (apesar de tudo) os alunos em situação de fracasso – o que eles sabem da vida, mas também o que adquiriram dos conhecimentos de que a escola procura prover-lhes.

Quando o aluno tem um incentivo familiar nos estudos, parceria com a escola, uma boa relação escolar, faz toda a diferença na vida escolar, como o aluno enxerga a escola, melhorando assim os seus resultados. O papel da família é muito importante no desempenho do aluno na escola. Por isso acreditamos que essa relação família-escola tem que ser cada vez mais incentivada.

O referido autor ainda propõe o aprender para constituir-se em um ser humano, em um triplo processo de hominização (tornar-se homem), de singularização (tornar-se um exemplo único de homem), de socialização (tornar-se membro de uma comunidade, partilhando seus valores e ocupando um lugar nela). Ele afirma que uma pessoa ao nascer, nasce submetida à obrigação de aprender que significa entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem se é, quem é o mundo, quem são os outros.

Todo ser humano aprende: se não aprendesse, não se tornaria humano. Aprender, no entanto, não equivale a adquirir um saber, entendido como conteúdo intelectual: a apropriação de um saber objeto não é senão uma das figuras do aprender. Aprender, então, é dominar uma relação, uma relação identitária, uma relação com o outro além de uma relação epistêmica, fato que amplia o sentido do aprender (colocando-o além do saber), pois muitas coisas e de naturezas diversas podem ser aprendidas, como um saber com o sentido estrito de um conteúdo intelectual, dominando um objeto, uma atividade como aprender a falar, dirigir, cozinhar, por exemplo, ou formas relacionais (a convivência em distintos grupos sociais), considerando, além da dimensão do sujeito que busca o saber, outras intimamente imbricadas, como a relação de identidade e a social.

De acordo com o autor, "não há saber senão para um sujeito engajado em uma certa relação com o saber" (CHARLOT, 2000, p. 61) e este saber se constrói mediante uma história coletiva que é a da mente humana e das atividades do homem e está submetido a processos coletivos de validação, acúmulo e transmissão.

O aprender se distingue da informação, do conhecimento e do saber da seguinte forma: a informação é um dado exterior ao sujeito, é objetiva, podendo ser armazenada e transmitida a outros; o conhecimento é subjetivo, resulta de uma experiência pessoal e é intransmissível, e o saber compartilha dessas duas características: é uma informação da qual o sujeito se apropria, na medida em ela *faz sentido*, e quando é produzido pelo indivíduo pode se tornar passível de ser comunicado, pois este produto pode estar disponível para que qualquer indivíduo o acesse. O valor e o sentido do saber surgem das relações induzidas e pensadas por sua apropriação, sendo, portanto, o saber, uma relação (CHARLOT 2000, p. 61)

Aprender, é exercer uma atividade em situação: em um local, em um momento da sua história e em condições de tempo diversas, com a ajuda de pessoas que ajudam a aprender. A relação com o saber é relação com o mundo, em um sentido geral, mas é, também, relação com esses mundos particulares, (meios, espaços...) nos quais a criança vive e aprende. (CHARLOT, 2000, p. 67).

O autor traz a concepção da educação como um longo processo de construção e reconstrução que nunca acaba. A educação é uma produção de si por si mesmo, mas essa autoprodução só é possível pela mediação do outro e com sua ajuda. A educação é o processo através do qual a criança inacabada se constrói enquanto ser humano, social e singular.

PERCURSO METODOLÓGICO

Desenvolvemos uma pesquisa no âmbito do curso de Pós-graduação *Lato Sensu* “Escola Pública e Relações com o Saber” tendo como sujeitos da pesquisa, pais, alunos, ex-alunos, professores, diretores, coordenadores, educadores de uma escola pública da rede municipal Hortolândia, Estado de São Paulo a partir da seguinte pergunta: “O fracasso do aluno é também o fracasso do professor e de toda a sociedade?”

A partir da problemática fizemos um levantamento de artigos acadêmicos para analisar diferentes posições sobre o fracasso escolar com essa finalidade elaboramos um questionário com uma questão que foi disponibilizada através do *Google Forms* e disponibilizado nas redes sociais Facebook e WhatsApp. A pergunta enviada assim se enunciava: *Você acredita que o fracasso do aluno é também o fracasso do professor e de toda a sociedade?*

Obtivemos várias respostas de pessoas com profissões e idades diferentes, pais, professores e ex-alunos. A leitura das respostas foi realizada buscando estabelecer um diálogo com os referenciais de Charlot e com intuito de responder à pergunta que mobilizou na pesquisa. Na análise, procuramos estabelecer o “fio de Ariadne” (DUARTE, 2002, p.152) no sentido de estabelecer um fio condutor que nos permitisse compreender diferentes posições dos sujeitos que responderam ao nosso questionamento sobre o fracasso escolar e sobre quem seriam os responsáveis pelas situações de fracasso escolar vivenciados por alunos nas escolas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os dados foram discutidos e analisados a partir dos estudos de Bernard Charlot (2000 e 2008) sobre o fracasso escolar.

Segundo Charlot (2000) “o fracasso escolar” não existe, o que existe são alunos fracassados, situações de fracasso, histórias escolares que terminam mal. Concluímos que essa proposição se alinha com as respostas que encontramos nos sujeitos que responderam ao nosso questionamento. O que existe é um conjunto de situações que levam ao fracasso escolar.

O saber é a produção de sentido da informação e esse sentido dentro do saber se transforma em conhecimento, então precisamos entrar na história de cada aluno e levar o

conhecimento com informações que fazem sentido para cada história de vida desses alunos.

Apresentaremos a seguir os resultados do questionamento que enviamos aos sujeitos que se dispuseram a participar da consulta pelo *Google Forms*, que foi feita com na questão já enunciada acima, preservando as identidades das oito pessoas que participaram, substituindo os nomes reais por nomes fictícios, mantemos a profissão exercida pelo participante. Ao serem questionados sobre: *Você acredita que o fracasso do aluno é também o fracasso do professor e de toda a sociedade?* Os participantes da pesquisa responderam:

Elias – Personal Trainer

Os dois, pois a sociedade não tem o hábito de leituras e se limita apenas aprender/entender aquilo que é útil apenas ao seu dia a dia, como o professor, se encaixa também na sociedade, isso se estende a ele! Agora, juntemos a falta de hábito de se aprimorar/ler e a tecnologia sempre presente, temos a combinação que resulta no que observamos atualmente!

Marcos – Consultor de TI

Sim, todos são responsáveis em menor ou maior grau, sendo o seio familiar o principal colaborador em nível maior que o da própria escola. Infelizmente a principal característica para a família é a falta de participação, por deficiência cultural ou/e financeira, sendo a última o menor dos motivos.

Elaine-Professora (Pós-graduada em psicopedagogia e neuropsicopedagogia)

Não acredito nisto, pois o fracasso do aluno, é dele, professor esforça-se em dar o seu melhor, faz sua parte, a escola faz sua parte, porém se o aluno não cumpre o seu papel, algo ficará deficitário sim, mas levar isso como fracasso do professor e de uma sociedade, acaba por ser muito injusto, já que cada qual tem seu papel.

Sílvia – Secretária

Acredito que sim pois todos somos interligados e a evolução de um beneficia outro assim como o fracasso influência da mesma maneira.

Juliana – Professora auxiliar (Cursando Pós-graduação Psicopedagogia) –

Com certeza! O mundo a qual o aluno está inserido e o papel desempenhado por seus professores influenciam diretamente em sua aprendizagem. Cabe ao professor levar para a sala de aula um ensino de qualidade que faça sentido ao aluno de modo com que o mesmo seja inserido na sociedade de maneira crítica para que assim transforme o mundo e as pessoas ao seu redor.

Kátia – Vendedora autônoma

Sim. O aluno não quer aprender nada o professor por mais que tenha muito conhecimento, não tem para quem passar suas sabedorias. Hoje vivemos em um mundo muito virtual.

Valter – Auxiliar administrativo

Dos dois, de um lado vemos crianças totalmente mal educadas pelos pais que acham que a obrigação dos professores é educar, sendo que a obrigação de educar é dos pais os professores levam conhecimento. Do outro vemos professores desmotivados por causa desses alunos.

Laura – Esteticista

Sim. Acho que do aluno, do professor (que hoje é totalmente desmotivado) e principalmente dos pais, que não educam. Pois se os alunos fossem para a escola educados, poderiam aprender mais. Hoje infelizmente os professores além de ensinar tem que educar. Assim todos perdem com esse fracasso.

As respostas apontam que as participantes da pesquisa concordam que o papel da família é muito importante no desempenho do aluno na escola, como trabalho em escola também vemos a diferença de uma criança que a família dá a devida importância para a vida escolar e uma família que não se importa e não acompanha a rotina dos alunos, essa omissão ou a presença reflete no comportamento e resultados apresentados na escola.

Eles acreditam que o fracasso do aluno é fracasso de um sistema, fracasso familiar, fracasso do professor e do aluno também. Claro que se o aluno não fizer a sua parte, não se interessar pelo conhecimento, pelo saber, não terá sucesso independente de todo o conjunto de esforços.

O professor e o sistema escolar têm falhado também em não interessar os alunos pelos conteúdos escolares e entender que cada sujeito tem uma história diferente e interesses diferentes.

De acordo com as respostas, o prejuízo é visto por falta de investimento por parte dos governos, da falta de incentivo e formação especializada aos educadores em geral, por falta de estrutura das escolas e engajamento familiar. Pensamos e agimos na escola por meio de uma leitura positiva, partir do que cada um sabe e viveu, e passamos a trabalhar a partir daí para visar bons resultados.

Charlot (2000), entendendo que os parâmetros de inteligibilidade para a clássica problemática do fracasso escolar situam-se num "campo saturado de teorias construídas e opiniões de senso comum" (p. 9), procurando abordá-la de uma forma nova. Assim, desenvolve críticas contundentes às abordagens disponíveis, sobretudo às teorias da reprodução, e propõem novas perspectivas de análise em termos de relação com o saber e com a escola.

Contraopondo-se aos modos de entendimento da questão propostos pelas teorias da reprodução, esta abordagem privilegia "as situações, as histórias, as condutas, os discursos", assim como os processos de produção das situações de sucesso e de fracasso escolares, identificados em casos singulares (pressupondo-se que, em sendo singulares, não deixam de ser sociais). Ou seja, o autor propõe:

Praticar uma leitura positiva não é apenas, nem fundamentalmente, perceber conhecimentos adquiridos ao lado das carências, é ler de outra maneira o que é lido como falta pela leitura negativa. Assim, ante um aluno que fracassa num aprendizado, uma leitura negativa fala em deficiências, carências, lacunas (...), enquanto que uma leitura positiva se pergunta "o que está ocorrendo", qual a atividade implementada pelo aluno, qual o sentido da situação para ele (...), etc. A leitura positiva busca compreender como se constrói a situação de um aluno que fracassa em um aprendizado e, não, "o que falta" para essa situação ser uma situação de aluno bem sucedido" (CHARLOT, 2000, p.30).

O fracasso do aluno para nós é sim também o fracasso do professor, a despeito dos esforços que a maioria faz, preparando aulas diversificadas, dedicando-se no aprender de cada aluno, surgem falhas que podem estar associada a posturas, tanto dele próprio, quanto de outros sujeitos da escola, e também das famílias dos alunos. A sociedade, por meio de suas instituições, por vezes reforça situações de fracasso na escola como algo que ocorre por força de determinantes exclusivamente individuais "o aluno não se interessa", quanto por um suposto desinteresse de seus familiares, isentando a escola e seus sujeitos e as circunstâncias, tanto de sucesso obtidas e reforçando os fracassos sofridos.

O que vimos nas respostas, são sujeitos que percebem que há algo mais a ser compreendido quando se trata do fracasso escolar de alunos. Esse algo mais, talvez seja, justamente, o indício de que a leitura negativa deva ser substituída por uma leitura positiva, como proposta por Charlot (2000).

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A responsabilidade do docente vai além de simplesmente produzir ou reproduzir saberes. Ele precisa acreditar que sua atividade é especial, é política, é formadora. O professor que sabe seu papel na sociedade ultrapassa a âmbito do conhecimento e tem consciência do aluno que quer formar para quais desafios está formando seres humanos, e para que tipo de mundo. Firma consigo mesmo a responsabilidade pela construção de um novo ser e pela tão esperada transformação que a educação pode oferecer-lhe.

Não foi apresentada nenhuma receita a fim de encontrar as raízes do problema, nem apresentadas soluções, mas abrir a discussão acerca do assunto e a partir de então, porque não planejar ações que realmente tragam benefícios e resultados às práticas de sala de aula e nas relações do espaço escolar, minimizando, também, conflitos e tensões que possam surgir, e que certamente ocorrem, entre escola, família e outras instituições sociais.

É importante nesse momento que todos tomem parte das situações relacionadas ao fracasso escolar, mas principalmente que sejam desenvolvidas por parte das autoridades, ações no sentido de fornecer uma melhor distribuição dos recursos para a educação e para as escolas, incentivando, também, o aluno, o professor e a família.

Que esta pesquisa além de contribuir para uma visão crítica acerca do fracasso escolar, possa incentivar e instigar novas pesquisas dentro desta temática com a finalidade de procurar caminhos para enfrentá-lo.

REFERÊNCIAS

CHARLOT, B. **Da Relação com o Saber: elementos para uma teoria**. Bruno Magne (Trad.) Porto Alegre: ARTMED, 2000.

CHARLOT, B. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador em contradição. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul./dez. 2008.

DELORY-DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto**. Trad. Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal: EDUFERN; São Paulo: Paulus, 2008.

DUARTE, R. Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, 2002. p. 139-154

FACCI, M. G. D.; LEONARDO, N. S. T.; RIBEIRO, M. J. L. A compreensão dos professores sobre as dificuldades no processo de escolarização: análise com pressupostos vigotskianos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 21, n. 1, 2014. p. 1-17

BRASIL. INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Censo escolar**. Disponível em: <<https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/censo-escolar>>. Acesso em 01 de abr. de 2021.

NÓVOA, A. (Orgs). **Vida de Professores**. Porto, Portugal. Ed. Porto, 1995.

PINTO, J. M. R. Remuneração adequada do professor Desafio à educação brasileira. **Revista Retratos da Escola, Brasília**, v. 3, n. 4, jan./jun. 2009. p. 51-67

TEIXEIRA, C. T. de A. **As reais condições sob as quais se desenvolve o trabalho docente**. 10^a Jornada Acadêmica da Jornada da UEG Integrando saberes e construindo conhecimento, 2016, Goiás. Anais, Goiás, 2016.